

OS PEQUENOS E MÉDIOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS  
NORDESTINOS:  
PADRÕES DE DISTRIBUIÇÃO E FATORES CONDICIONANTES

Miguel Angelo Campos Ribeiro\*  
Roberto Schmidt de Almeida\*

O presente trabalho difere da clássica abordagem que normalmente se dá ao tema indústria, principalmente quando se trata do Nordeste brasileiro.

O enfoque nas políticas de industrialização orientadas pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e a ênfase dada à chamada grande empresa industrial de carácter formal (tipicamente urbana e quase sempre localizada em grandes metrópoles, centros submetropolitanos ou capitais regionais) sempre tiveram prioridade na análise tanto dos economistas, quanto dos geógrafos industriais. Entretanto, um conjunto de atividades industriais que, se não representa em termos de valor da produção um elevado grau de importância, em se tratando do número de estabelecimentos, de pessoal ocupado e de relações preferenciais com o comércio orientado para as camadas mais pobres da sociedade, desempenha um considerável papel na economia local, contribuindo para a redução do êxodo regional e de certa forma, gerando condições de qualificação da mão-de-obra. Trata-se do conjunto formado pelas pequenas e médias indústrias.

A principal contribuição para o tema foi dada por SANTOS (1979) que tratou, de uma forma mais ampla, de um contingente de atividades econômicas que, ao contrastar em termos de tamanho e eficiência com o conjunto das chamadas empresas formais, permitiu ao autor identificar dois grandes circuitos econômicos que, apesar de aparentemente dissociados apresentam níveis de interdependência em suas ligações materiais e financeiras. Tais circuitos foram denominados de superior e inferior da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Essa composição bipolarizada não se caracteriza pela rigidez, mas é possível perceber que “cada circuito se define por: 1) o conjunto das atividades realizadas em certo contexto; 2) o setor da população que se liga a ele essencialmente pela atividade e pelo consumo” (pag. 33).

Milton Santos listou e comparou algumas das características concernentes aos dois circuitos, no que tange à tecnologia e organização administrativa/financeira (QUADRO 1).

---

\* GEÓGRAFOS DO DEGEO – IBGE/RIO DE JANEIRO/BRASIL

QUADRO 1  
 CARACTERÍSTICAS DOS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA  
 DOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS

	CIRCUITO SUPERIOR	CIRCUITO INFERIOR
Tecnología	Capital intensivo	Trabalho intensivo
Organização	Burocrática	Primitiva
Capitais	Importantes	Reduzidos
Emprego	Reduzido	Volumoso
Assalariado	Dominante	Não obrigatório
Estoques	Grande quantidade e/ou alta qualidade	Pequena quantidade, qualidade inferior
Preços	Fixos (em geral)	Submetidos a discussão entre comprador e vendedor (haggling)
Credito	Bancário institucional	Pessoal não institucional
Margem de Lucro	Reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios (exceção produtos de luxo)	Elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios
Relações com a clientela	Impessoais e/ou com papéis	Diretas, personalizadas
Custos fixos	Importantes	Desprezíveis
Publicidade	Necessária	Nula
Reutilização dos bens	Nula	Frequente
Overhead capital	Indispensável	Dispensável
Ajuda governamental	Importante	Nula ou quase nula
Dependência direta do exterior	Grande, atividade voltada para o exterior	Reduzida ou nula

Fonte: Espaço Dividido – M. Santos (1979: 34)

O autor também subdividiu o circuito superior em duas formas de organização: o circuito superior e o circuito superior marginal. No enquadramento da atividade industrial nessas formas de organização, apolado em estudo realizado em Guadalajara (México), Santos assume que a primeira forma seria... “um setor de indústrias maduras desde a sua instalação, e compreendendo as empresas inteiramente modernas e sem disparidades de organização no interior de cada ramo”. E a Segunda, seria... “um setor onde a concorrência ainda é possível entre indústrias de diferentes níveis de técnica, de capital, de porte do estabelecimento e de mão-de-obra. As disparidades aqui são importantes (GRIFONOSSO), a procura de homogeneidade é possível em alguns ramos e impossível em outros, onde o peso de uma população em crescimento e de baixo nível de vida representa uma possibilidade de manutenção das formas menos modernas” (pág. 81).

Para Milton Santos e outros autores por ele citados, o governo e o mercado dão o tom nessa coexistência de dois grupos de indústrias que, apesar de estarem no chamado circuito superior, possuem estruturas de custo distintas e, conseqüentemente, preços e consumidores também diferentes. As diferenças entre o grupo da petroquímica de Camaçari e a produção de óleos vegetais ou a clássica indústria têxtil de algodão são exemplos eloquentes de que essa subdivisão proposta por M. Santos faz muito sentido.

O presente estudo trata de oito atividades industriais típicas da Região Nordeste (Quadro 2), que se inserem em algumas características consideradas como pertencentes aos circuitos inferior e superior marginal tais como: pouco capital envolvido, baixa tecnologia, fraca estruturação organizacional, baixo volume de estoques, transações creditícias em nível pessoal, geralmente não formalizadas legalmente, com também sua estrutura de relações com a clientela, que não exige um aparato publicitário, a não ser a troca de informações inter-clientes.

A escolha das mesmas foi feita após um processo de discussão que contou com uma análise da Classificação de Atividades dos Censos Industriais de 1970 e 1980 e da verificação, através de tabulações especiais, do nível de participação dessas atividades nos municípios nordestinos, tanto em termos de número de estabelecimentos, quanto de pessoal ocupado. Além disso procurou-se atividades que fossem representativas de alguns setores industriais mais tradicionais como o alimentar e bebidas, o têxtil e a química de beneficiamento de produtos primários, que sempre mostraram fortes ligações com o mundo rural da região.

As oito atividades industriais selecionadas no Censo Industrial de 1980 e posteriormente cotejadas com o Censo Industrial de 1970, forneceram alguns padrões espaciais de um processo de industrialização que envolveu, fundamentalmente, os pequenos e médios estabelecimentos fabris que, ou estão intimamente ligados à produção rural local, ou vinculam-se a algumas funções urbanas, características de localidades centrais de porte médio e pequeno.

Uma análise do QUADRO 2 oferece algumas evidências sobre alguns processos de concentração/dispersão que ocorreram com as pequenas e médias indústrias no Nordeste entre os anos censitários de 1970 e 1980. No que tange às vinculações da atividade industrial aos quadros rurais ou urbanos, nota-se que quatro atividades vinculam-se preferencialmente ao mundo rural pois, geralmente, são indústrias localizadas junto às áreas produtoras em razão do volume e da perecibilidade de suas matérias-primas; os seus canais de comercialização se ligam diretamente a atacadistas e varejistas localizados em centros urbanos de maior hierarquia, havendo, portanto, pouca vinculação com o centro urbano sede do município onde se localiza a fábrica. A produção de óleos vegetais, de aguardente, de açúcar e rapadura e a de preparação de fumo em folha, roio e corda são atividades classificadas com essa vinculação.

**QUADRO 2**  
**EVOLUÇÃO DOS PADRÕES ESPACIAIS DAS ATIVIDADES ESCOLHIDAS**  
**1970/1980**

Actividades industriais	Principal vinculação		Padrão espacial característico e sua intensidade								Indicador de Tenencia 70/80	
	Quadro Rural	Quadro Urbano	1970				1980					
			Concetração		Dispersão		Concetração		Dispersão			
Alta	Media	Alta	Media	Alta	Media	Alta	Media	Alta	Media			
1 Preparação do fumo	X		X					X				C → D
2 Artefatos de Selaria	X	X			X					X		C ← D
3 Fabricação de redes	X	X				X			X			C ← D
4 Artigos pirotécnicos		X				X			X			C ← D
5 Oleos Vegetais	X			X					X			C ↔ D
6 Farinha de mandioca	X	X		X							X	C → D
7 Aguardente	X				X						X	C ← D
8 Açúcar bruto e Rapadura	X			X				X				C ← D

Fonte: IBGE CENSOS INDUSTRIAIS 1970 – 1980

C = Concentração

D = Dispersão

↔ Estavel

As atividades de fabricação de artefatos de selaria, de redes de dormir e de farinha de mandioca vinculam-se tanto ao rural, quanto ao urbano, pois são atividades que podem ser desenvolvidas tanto nas fazendas, quanto em estabelecimentos urbanos, pois seus canais de comercialização tanto das matérias-primas, quanto dos produtos finais não sofrem maiores restrições em termos de volume ou perecibilidade.

A única atividade aparentemente urbana é a fabricação de artigos pirotécnicos, em virtude de suas matérias primas sofrerem forte controle das autoridades militares e policiais e de seus principais canais de comercialização praticamente se restringirem às relações entre o produtor e o consumidor final, geralmente morador no centro urbano, que comemora festas religiosas e acontecimentos políticos, o que não implica numa total exclusão do consumidor da área rural, normalmente fazendeiros, que também comemoram esses acontecimentos.

No que se refere à evolução entre 70 e 80 dos padrões espaciais dessas atividades industriais seleccionadas, foi possível verificar dois grandes grupos: os que não apresentaram modificações em seus padrões de localização entre os Censos industriais de 1970 e 1980 e os que exibiram modificações nos seus padrões espaciais, em termos de concentração ou dispersão de suas indústrias.

O primeiro grupo, três atividades tiveram os seus respectivos padrões espaciais mantidos, a preparação do fumo com o padrão altamente concentrado, a fabricação de óleos vegetais com o padrão tendendo a concentrado e a fabricação

de artigos de selaria, com a manutenção, entre 1970 e 1980 de um padrão altamente disperso.

O segundo grupo, isto é, os que sofreram modificações em seus padrões foi dividido em dois sub-grupos: os que apresentaram modificações de um padrão disperso para um concentrado e os que mostraram modificações no sentido inverso, da concentração para a dispersão entre os censos de 1970 e 1980. O primeiro sub-grupo foi composto por três situações distintas: as atividades de fabricação de artigos pirotécnicos e redes de dormir sofreram modificação de artigos pirotécnicos e redes de dormir sofreram modificações, indo de um padrão espacial tendendo a disperso em 70 para um medianamente concentrado em 80, a fabricação de aguardente modifica-se, partindo de um padrão altamente disperso para um altamente concentrado e a fabricação de açúcar em bruto sofre também uma modificação de padrão indo do concentrado em 70, para o altamente concentrado em 80.

No caso de modificação de um padrão concentrado para um disperso, a atividade de fabricação de farinha de mandioca apresenta essa alteração, indo de um padrão de concentração média em 70 para um disperso em 80.

O quadro 2 indica também a tendência percebida entre 1970 e 1980 para a concentração, dispersão ou estabilidade de cada atividade e é possível verificar que, por exemplo, a atividade de preparação de fumo, apesar de apresentar o mesmo padrão altamente concentrado, mostra uma tendência à dispersão, pois essa atividade tende a implantar-se em outros municípios do Recôncavo e norte da Bahia. Mostra também uma forte tendência à concentração de atividades outrora ubíquas como é o caso da fabricação de atividades outrora ubíquas como é o caso da fabricação de aguardente e de artigos de selaria.

O papel de determinadas atividades industriais, consideradas típicas do circuito inferior ou do circuito superior marginal da economia (Santos 1979) não deve ser menosprezado, pois envolve pequenos e médios estabelecimentos fabris que, ou estão intimamente ligados à produção rural local, ou vinculam-se a algumas funções urbanas local, ou vinculam-se a algumas funções urbanas características de localidades centrais de porte médio e pequeno contribuindo para a formação de uma parte da mão-de-obra industrial em suas primeiras fases de qualificação, além de iniciar a organização das primeiras etapas de um mercado, que envolve a produção de matérias-primas rurais ou não, sua comercialização, transformação e posterior distribuição, mesmo que seja qualificado como incipiente, quando comparado com mercados mais importantes ou modernos.

Uma parte desse conjunto de atividades industriais no Nordeste começa a sofrer reduções, tanto em termos espaciais, quanto ao número de estabelecimentos ou pessoal ocupado, caso que pode ser exemplificado com as pequenas fábricas de aguardente e as antigas usinas produtoras de rapadura e meiado que sofrem uma concorrência das grandes usinas surgidas do PRÓ-ÁLCOOL que lhes tiram os fornecedores de cana e que mostram um processo de desaparecimento. Um

processo semelhante ocorre com as pequenas tecelagens, que operavam com as fibras natuaris da região e que foram desaparecendo no decorrer da década de 70; as que cresceram, trabalham fundamentalmente com fios sintéticos, normalmente importados do Sudeste.

A modernização tecnológica e o direcionamento do grande capital industrial para processos produtivos mais complexos que envolvem ligações fortes com uma estrutura de comercialização de larga escala – o “Marketing”, além de relações com o aparelho de Estado, via agências financiadoras de desenvolvimento intermediadas pelo sistema bancário público e privado, estão alijando do mercado essas pequenas indústrias e gerando um processo concentrador caracterizado:

em termos de tamanho da indústria – pelas empresas de maior porte que possuem condições de acesso aos créditos governamentais ou privados (o exemplo do Pró-Álcool é emblemático).

Em termos espaciais – privilegiando a Zona da Mata e a fronteira imediata com o Agreste em detrimento das áreas interiores do Agreste e do Sertão.

Não se trata de uma defesa romântica da pequena indústria, mas sim de alertar aos pesquisadores e aos tomadores de decisões nas diversas instâncias de governo, que o papel da pequena e média indústria deve ser incentivado, pois em regiões com grandes problemas econômicos e sociais a alocação de grandes capitais na indústria implica, na visão da maioria do empresariado, em muito risco, ficando, por isso mesmo, espacialmente restrita às metrópoles ou a áreas muito especializadas. Neste contexto, a pequena e média empresa garantem a capilaridade da economia regional, criando espaços produtivos e de consumo em áreas anteriormente vazias. Suas relações com o circuito superior ainda não estão totalmente desvendadas e por isso mesmo não devem ser deixadas de lado tanto pelos economistas quanto pelos geógrafos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 – BARROS, José Roberto Mendoça de e GALVÃO, Antônio Carlos. A política de industrialização do Nordeste em face da crise econômica brasileira. Revista Econômica do Nordeste, ETENE, Fortaleza, 15 (3):381-410, julho/setembro, 1984.

2 – BRITO, Maristella de Azevedo; CHMAIALIK, Marília de Saldanha da G.K.; OLVEIRA, Tereza Maria Ramos de. A Evolução da Agricultura na Região Nordeste na Década de 70. R.B.G., Rio de Janeiro, 49 (1) 47-106, jan./mar. 1987.

3 – FERRARI, Onorina Fátima. A Organização Espacial do agreste e do Sertão de Alagoas: a Redefinição dos Centros Urbanos. Tese de Mestrado, U.F.R.J., Instituto de Geociências, 162 p., datilografado, Rio de Janeiro, 1985.

4 – FRUTADO, José Maria. Ninguém me ama, ninguém me quer, Exame, Editora Abril, São Paulo, 21 (17), edição 434, 23/08/1989, p.30.

- 5 – MAIMON, Dáila; BAER, WERNER e GEIGER, Pedro Pinchas. O Impacto regional das políticas econômicas no Brasil, *Revista Brasileira de Geografia*, IBGE, Rio de Janeiro, 39 (3); 3-53, julho/setembro 1977.
- 6 – MOREIRA, Raimundo. O Nordeste brasileiro: uma política regional de industrialização. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979, 170 p.
- 7 – NETO, Leonardo Guimarães. O programa de desenvolvimento Industrial do Nordeste in *Desigualdades Regionais no Desenvolvimento Brasileiro*, 4 vols., Recife, Vol. 3, p. 1-86, SUDENE, 1984.
- 8 – NETO, Leonardo Guimarães. Notas sobre emprego e indústria no Nordeste. Revista Econômica do Nordeste, BNB, Fortaleza, 15(3): 535-574, jul/set. 1984.
- 9 – REDWOOD III, John. Incentivos fiscais, empresas extraregionais e a industrialização recente do Nordeste brasileiro, *Estudos Econômicos*, IPE/USP, São Paulo, 14(1) 119-143, jan/abril, 1984.
- 10 – SANTO, Milton, Passado e presente das relações entre sociedade e espaço e localização pontual da indústria moderna no Estado da Bahia, *Boletim Paulista de Geografia*, A.G.B., p. 5-28, No. 65, 2º sem. 1987, São Paulo.
- 11 – SANTOS, Milton. O Espaço dividido, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves editora, 1979, 345p.